

## CONHECENDO A SURDIDADE

Knowing the deafhood

**Luiz André Brito Coelho<sup>1</sup>**

### RESUMO

Este artigo visa a apresentar um resumo das principais abordagens relacionadas à história dos surdos no mundo segundo o autor Paddy Ladd (2013), em sua obra *Em busca da surdidade*. Os surdos têm evidências, demonstradas em pesquisas, de que as línguas de sinais são línguas de fato, e de que as vidas coletivas das pessoas surdas constituem culturas como quaisquer outras. A surdidade apresenta a existência de um sentido surdo de ser, uma maneira de encontrar respostas às perguntas há muito enraizadas. Cultura é o conceito que define como os surdos se identificam com outras pessoas e/ou minorias linguístico-culturais. O pensamento surdo puro é 'Sei que sou diferente, que sou surdo. Aceito a minha identidade e não vou mudar'. Assim, a surdidade nasceu e cresceu de diversas maneiras para chegar a um

### ABSTRACT

This article aims to present a summary of the main approaches related to the history of the deaf in the world, according to author Paddy Ladd (2013) in his work *Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood*. The deaf have evidence demonstrated in research that sign languages are indeed languages, and that the collective lives of deaf people are like any other culture. Deafhood shows the existence of a dull sense of being, a way to find answers to very rooted questions. Culture is the term with which the deafs identify themselves with other linguistic-cultural persons and/or minorities. The pure deaf thought is "I know that I am different, that

<sup>1</sup> Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Ponta Grossa/PR; landre68@msn.com.

eu coletivo, envolvida por lutas e reivindicações de seus direitos, com algumas derrotas, mas também com muitas vitórias.

I am deaf. I accept my identity and I will not change". In this way deafhood was born and it grew in diverse ways to arrive at a collective I, surrounded by fights and claims for its rights, with some defeats, but also with many victories.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação. Cultura surda; Surdidade.

#### **KEYWORDS**

Education; Deaf culture; Deafhood.

---

## **Introdução**

Há pouca compreensão sobre o que é cultura surda. Os surdos continuam buscando evidências que ‘provem’ que as línguas de sinais são línguas de fato e que as vidas coletivas das pessoas surdas fazem parte de uma cultura como qualquer outra. Imaginamos como seria nossa vida atualmente se não tivessem tirado a língua de sinais e os professores surdos da educação dos surdos depois do Congresso de Milão de 1880, ou se tivéssemos sido forçados a sofrer um século de alienação na escrita e no exercício da nossa cidadania.

Ladd (2013, p. 3-4) apresenta uma nova denominação, de ‘surdidade’ (em inglês, *deafhood*):

Surdidade representa um processo - a luta por que passa cada criança surda, família surda e adulto surdo para explicarem a si próprios e aos outros a sua existência no mundo. Reconhece que a existência como pessoa surda é um processo de tornar-se e manter-se ‘surdo’, também reflete interpretações diferentes de Surdidade, do que possa significar ser uma pessoa surda numa comunidade surda.

Ainda de acordo com Ladd (2003, s/p), “Deafhood affirms [...] the existence of a Deaf sense of *being*” (“A surdidade apresenta a existência de um sentido surdo de ser”, tradução nossa), um modo de encontrar respostas a perguntas há muito enraizadas.

Ladd (2003; 2013) apresenta em uma exposição as raízes dessa surdidade, que pode ser percebida na corte otomana ou na cooperação entre pessoas

ouvintes e surdas durante a Revolução Francesa. Até mesmo a Rainha Victoria gestualizava com um empregado surdo. A ideia da exposição seria a de cumprir com um dever social não só para com os surdos e os leigos<sup>2</sup> do século XXI, mas para com aqueles que foram pioneiros no passado, cujos trabalhos ilustraram as inúmeras e estimulantes dimensões que a surdidade legou ao futuro.

## 1) O ser Surdo

As comunidades surdas vêm se dedicando, nos últimos 250 anos, ao reconhecimento da sua verdadeira natureza de ‘ser-no-mundo’ (em inglês, *being-in-the-world*). Nos últimos 120 anos, crianças surdas e seus pais têm sido obrigados a viver debaixo de políticas e discursos que buscam evitar que aprendam ou utilizem as línguas de sinais na comunicação, sendo que os professores surdos foram primeiro afastados e depois efetivamente proibidos de trabalhar com crianças surdas. Essas crianças concluem a escola com nível de leitura correspondente em média ao de uma criança ouvinte com oito anos, fala virtualmente incompreensível e capacidades de leitura labial equivalentes às que uma criança ouvinte teria praticado no máximo durante um dia (LADD, 2003; 2013).

“Cultura” é o conceito que define como os surdos se identificam com outras pessoas e/ou minorias linguísticas. Um povo pode existir sem uma língua única, mas sem cultura não existe ‘povo’, e uma batalha travada para preservar a sua própria língua pode ser encarada como resistência política, linguística ou econômica, mas é a cultura que a define (LADD, 2003; 2013).

Ladd afirma que “However, sign language users are those who were born Deaf or became so at an early age. [...] By creating their own communities and utilising their beautiful languages, they have created a linguistic and cultural environment in which they take both comfort and pride” (2003, s/p)<sup>3</sup>. A distinção entre pessoas que ouvem mal, incluindo pessoas idosas, e as comunidades surdas sinalizantes, tem sido assim ofuscada, tática deliberada e instrumento para suprimir as línguas de sinais da educação de surdos.

<sup>2</sup> O conceito de leigo (em inglês, *lay*), conforme Ladd (2003), se refere a qualquer um que não esteja diretamente empregado em domínios relacionados com surdos, nem em domínios profissionais adjacentes, bem como alguém política e/ou culturalmente desobrigado.

<sup>3</sup> “Os utilizadores da língua de sinais são aqueles que nasceram ou ficaram surdos ainda em uma idade muito precoce. [...] Ao criar suas próprias comunidades e utilizar seus belos idiomas, eles criaram um ambiente linguístico e cultural no qual encontram conforto e orgulho” (tradução nossa).

As comunidades surdas sinalizantes pregam um modelo linguístico-cultural – enfatizam que sua situação existencial é principalmente a de uma minoria linguística, e não a de um grupo de deficientes. A teoria da deficiência se expandiu a partir do modelo médico da deficiência. Porém, o movimento da deficiência inverteu esse padrão, propondo um modelo social radical que afirmava sua igualdade social como seres humanos com direito à cidadania. Tal abordagem radical tem feito progressos consideráveis nos últimos anos. As comunidades surdas são modificadas com os diversos movimentos do modelo social, porém muitos ficam desconfortáveis com sua inclusão no modelo social da deficiência, porque inclui as comunidades surdas no grupo da surdez física, ou do conceito médico (LADD, 2003; 2013).

Ladd (2003, s/p) afirma: “Were a disabled child to receive a shamefully poor education, any resultant lack of access to majority society can be seen as a crime enacted upon that individual” (“Se uma criança deficiente receber uma educação vergonhosamente pobre, qualquer falta resultante de acesso à sociedade da maioria pode ser vista como um crime decretado contra aquele indivíduo”, tradução nossa). Para os surdos, a vida não se resume a isso. Estar em uma sociedade em que não são aceitas nem sua língua nem sua cultura, entre tantas ‘deficiências’, constitui uma infração grave dos seus direitos como seres humanos – e ainda vivem a utopia de um mundo onde todos poderão se comunicar com eles em sua língua. Então, quando uma criança surda recebe uma educação opressiva, não é prejudicado apenas o indivíduo, mas a comunidade em que irá viver e participar.

Esse tipo de opressão também é observado nas experiências de outros povos minoritários, como os índios, escravizados e colonizados. O fator de coerção principal é a educação. A imposição de sistemas de ensino externos, e a inscrição forçada de suas crianças nesses sistemas quase empurraram, em muitos casos, essas línguas e culturas para a extinção.

Desde o colonialismo, o modelo linguístico-cultural imposto é o do grupo linguístico majoritário e dominante. Tal espécie de colonialismo busca atingir diretamente as culturas. A teoria da cultura se distingue das teorias acadêmicas ao se estender por diferentes disciplinas e não tem havido muitas tentativas de aproximação entre elas, por não ser vantajoso para as grandes sociedades pós-industriais (LADD, 2003; 2013).

As línguas de sinais são línguas autênticas e, portanto, a cultura surda é uma cultura autêntica, o que nos leva a concluir que existem epistemologias surdas (LADD, 2003; 2013). É através da cultura que valores, crenças e ações são mediados. Isso nos torna a todos exploradores, com muito para dar uns aos outros. As culturas surdas têm uma contribuição importante para dar à humanidade, nos aspectos do desenvolvimento multilíngue. Aprender as culturas de outros povos é desafiador, requer recursos e paciência consideráveis e, quanto às culturas minoritárias, não existe nenhuma obrigação para aprendê-las. Quanto às culturas e às línguas dominantes, somos todos obrigados a aprendê-las, pois são as dos detentores de poder e de dinheiro, que dão à sociedade os moldes de valores e crenças.

Há também fatores psicológicos que moldam a forma como as pessoas constroem a si próprias desde a infância. Ladd (2003, s/p) afirma que o “multiculturalism and all its challenges are increasingly set before us” (“multiculturalismo e todos os seus desafios apresentam-se cada vez mais diante de nós”, tradução nossa), e em todos esses aspectos, o conceito de cultura é a chave para a mudança efetiva, sendo o objeto do nosso olhar, o processo por meio do qual os desafios para a nossa identidade devem ser examinados, e o modo através da qual realizamos alterações.

Foucault (1980, 1987, 2008) considera a teoria do discurso, e seu trabalho examina como traços culturais, como a loucura e a sexualidade, são enquadrados na prática moderna. Tal teoria torna visível as relações de poder e identifica padrões culturais por trás das promessas sociais. A análise do discurso e a análise cultural estão intrinsecamente ligadas. O sistema discursivo de controle de poder e de conhecimento torna-se ameaçador para os grupos minoritários que incorporam sistemas de valores diferenciados. Quando não se dá importância a estes discursos, abre-se brechas para desvalorizar e depois destruir suas culturas.

Reconhecemos assim que grupos de autoridade, por meio do desenvolvimento de ideologias persuasivas, mantêm o poder e o controle. O conceito que Gramsci apresenta (1985) é importante para o desenvolvimento de uma leitura mais dinâmica de padrões de controle social. A hegemonia atribui um papel mais ativo a grupos e indivíduos sem poder da sociedade. Ao formalizar este processo dialético dinâmico, identificamos tais discursos e passamos a de-

envolver os instrumentos para desconstruir tanto os padrões mais abrangentes como os detalhes mínimos que estão por trás das atitudes, crenças e políticas que têm governado as comunidades surdas por todo o mundo.

Ao estudar os surdos e outras comunidades minoritárias, percebemos que o modelo que oferece o maior poder gerador é o que concebe as comunidades surdas como objetos de colonização, pois a dominação de uma comunidade que usa determinada língua por outra diferente pode resultar em um processo muito semelhante ao colonialismo. Lane (1993a, *apud* Ladd, 2003, s/p) “begins the process of examining parallels between colonialism and what he terms ‘audism’ and locates economic motive in the profits to be made in hearing-aid technology” (“examina paralelos entre o colonialismo e o que ele chama de ‘audismo’ e aponta o motivo econômico nos lucros a serem obtidos com a comercialização de tecnologia de próteses auditivas”, tradução nossa) como o principal fator para a imposição desse audismo.

O momento em que os domínios da surdez e da surdidade interagem com o Pós-Colonialismo é sintetizado pela afirmação de Merry (1991, p. 894) de que “o colonialismo descreve a relação entre dois ou mais grupos numa relação de poder desigual onde além de controlar e reinar sobre o outro, também se esforça por impor a sua ordem cultural no grupo subordinado”. Compreende-se que todo o processo tem sido mediado por dois conjuntos de línguas e pelas tentativas de uma erradicar a outra (LADD, 2003; 2013).

Essa visão tem de ser centrada na ‘experiência surda’. Na luta de libertação de alguns grupos, um argumento forte pode ser feito para aquilo a que Spivak (1990) chama ‘essencialismo estratégico’. As ideologias atuais nos tratos com surdos são caracterizadas pelo termo ‘surdez’, mas é necessário outro termo que possa criar um espaço onde as autoconcepções dos surdos possam ser examinadas. Daí o uso da expressão ‘surdidade’ ser tão apropriado, pois torna visível esses discursos surdos que não estão escritos, bem como maneiras surdas de estar no mundo, de conceber esse mundo e seu lugar ali (LADD, 2003; 2013).

Ladd (2003; 2013) identifica duas características que servem para fundamentar o colonialismo dos povos surdos: as ideologias de especialidade e o paternalismo. Essas se baseiam no auto interesse, e pessoas têm reagido muitas vezes de forma mais positiva em relação às pessoas surdas, sendo que podem ser atraídos para a luta surda como aliados, desde que se gere acesso às experiências

e crenças das pessoas surdas. É importante compreendermos que virtualmente todos os discursos sobre as pessoas surdas foram concebidos, controlados e escritos por pessoas não surdas. Cada discurso possui graus diferentes de estatuto e de poder e se desenvolvem de forma diferente para cada grupo, apesar de encontrarmos alguns padrões (LADD, 2003; 2013).

Oliver (1990, *apud* LADD, 2003, s/p) nos ajuda a identificar nesses discursos quatro estágios simplificados. No primeiro, “is characterised by varying degrees of acceptance or otherwise of Deaf and disabled people by lay people in villages and town societies” (“há vários graus de aceitação ou não aceitação das pessoas surdas e deficientes pelas pessoas leigas em aldeias e cidades”, tradução nossa). No segundo, de asilos e instituições que fazem contribuições voluntárias ou têm algum tipo de compromisso religioso, geralmente relacionado à filantropia. No terceiro, o estado dominante e a centralização de poder criam novas classes profissionais com autoridade para analisar e categorizar aqueles considerados necessitados de ajuda, propondo estratégias para administrar e financiar tal assistência. No quarto estágio, há um sistema discursivo institucionalizado, onde a especialidade e o profissionalismo são considerados essenciais. Este último gerando graves consequências para os outros (LADD, 2003; 2013).

Nos últimos anos, as hegemonias dominantes foram desafiadas, o que incitou o início das lutas de descolonização de grupos étnicos e de minorias, embora esses ainda não reconheçam plenamente as ideologias da libertação dos surdos, que continuam dessa maneira vulneráveis tanto a discursos conservadores, como a acadêmicos liberais. Truffaut (1993, p. 114) ao fazer um levantamento da situação geral europeia, confirma que “the history of Deaf education written by hearing people stood in for true Deaf history” (“a história da educação dos surdos escrita por pessoas ouvintes substituiu a verdadeira história dos surdos”, tradução nossa).

Todos que têm uma visão positiva da surdez parecem despertar para a sua existência como grupo. Ao observar a comunicação sinalizada entre eles, também se conscientizaram de que os surdos, ao se juntarem, eram capazes de expressar suas ideias como qualquer outra pessoa. Aqueles que os viam negativamente pareciam focar apenas em indivíduos surdos isolados, a partir de um discurso sobre os surdos como seres humanos que sofrem de uma insuficiência ou imperfeição, um modelo com deficiência.

Antes da existência das escolas para surdos, esses sequer conseguiam alcançar uma aparência de humanidade. Em seguida, com a ideologia do Oralismo, isto é, a proibição das línguas de sinais e dos professores surdos na sua educação, os próprios surdos passaram a crer que não tinham uma história só sua. O século XX reforçou esta negação em formar a construção das pessoas surdas como seres destruídos, destituídos de história, sem nenhuma ligação si (LADD, 2003; 2013). Somente nos últimos 20 anos, e a partir do trabalho de Harlan Lane (1984, 1993a, 1993b), ressurgiu o interesse pela história dos surdos, recriando a tradição da surdidade do último século. A preocupação das comunidades surdas é a mesma de outras comunidades minoritárias, ou seja, a de estabelecer claramente as suas tradições e seus inúmeros aperfeiçoamentos.

As pessoas surdas costumam se reunir em qualquer número, desenvolvendo sua comunicação em língua de sinais. Surdos que se comunicam por meio de mímicas ou gestos sempre existiram. De acordo com Ladd (2003, s/p),

Aristotle, according to Farrah (1923: 2), states that 'hearing is the sense of sound, and sound the vehicle of thought; hence the blind are more intelligent than deaf-mutes'. By contrast, Socrates refers to Deaf people more positively: 'If we had neither voice nor tongue, and yet wished to manifest things to one another, should we not, like those which are at present mute, endeavour to signify our meaning by the hands, head and other parts of the body?' (HOUGH, 1983: 38).<sup>4</sup>

Pelo que se conhece da lei justiniana do século VI d.C., que identificou cinco classes de surdez, bem como das falas de Sócrates, percebe-se que os surdos devem ter sido suficientemente numerosos para ser tema abordado por filósofos e fazedores de leis (LADD, 2003; 2013). Por existirem tão poucos dados históricos, no entanto, muitas vezes há imaginação e especulações sobre a vida dos mesmos no passado. Pode-se buscar outras referências, como a literatura judaica da era pré-cristã, mais especificamente na Torah e na Mishnah, em que constam quase quatrocentas referências a pessoas surdas (LADD, 2003; 2013). O discurso geral, além de proteger os surdos permitindo-lhes casar usando sua língua, também lhes permitia provar suas capacidades por meio de atitudes.

<sup>4</sup> "Aristóteles, de acordo com Farrah (1923, p. 2), afirma que 'a audição é a percepção do som e o som é o veículo do pensamento; assim, os cegos são mais inteligentes do que os surdos-mudos'. Sócrates o contradiz, ao fazer menção aos surdos, dizendo que 'se não tivéssemos voz, nem língua e ainda assim desejássemos manifestar coisas entre nós, não deveríamos, como aqueles que são presentemente mudos, nos esforçar para exprimir nosso sentido por meio das mãos, da cabeça e de outras partes do nosso corpo?' (HOUGH, 1983, p. 38)" (tradução nossa).



Os discursos judeus também tratam da existência dos surdos, como o Êxodo 4:11, por exemplo, quando Deus se dirige a Moisés. No Novo Testamento, a partir do Cristianismo, aparentemente prevalece uma perspectiva negativa (LADD, 2003; 2013). O discurso dos cristãos sobre os surdos, foi representado pelos educadores como o de indivíduos isolados que requeriam ou cura ou exorcismo, que poderia ser designado por ‘modelo demonológico’. Nos mil anos seguintes, poucas referências sobre pessoas surdas nos chegam. Lane (1984) informa que no século XII era permitido aos surdos casar por decreto papal apenas se sua língua de sinais provasse que percebiam os conceitos envolvidos nesse ato.

Por anos, existiram rumores do envolvimento de surdos na corte otomana, mas apenas Miles (2000) na sua pesquisa pode confirmar isso. Os surdos, conhecidos como ‘mudos’, trabalharam na corte turca otomana desde o século XV até ao século XX desempenhando vários papéis. Sua forma de comunicação tornou-se popular e era usada regularmente por ouvintes, mesmo por sultões sucessivos, e era capaz de expressar ideias de qualquer complexidade. Ricaut (1668 *apud* MILES, 2000, p. 10) comentou que “this language of the Mutes is so much in fashion in the Ottoman Court, that none almost but can deliver his sense in it” (“esta língua dos mudos está tão na moda na corte otomana, que quase ninguém consegue transmitir o sentido senão usando-a”, tradução nossa).

Bobovius complementa que “They are expert in sign language and know the significance of everything by sign. They visit and converse with the young and help them to perfect their sign language by telling fables and histories, sayings and scriptures in sign” (1679 *apud* MILES, 2000, s/p)<sup>5</sup>. Tais cortes eram formadas por cerca de onze mil membros, de forma que o conhecimento da língua de sinais tinha uma potencial amplitude e profundidade. Por meio das pesquisas, verificou-se que os surdos também serviam como mensageiros para outras partes do país, ficando assim claro que o conhecimento desse registro em língua de sinais deve ter sido bastante difundido.

Através da análise histórica, é possível encontrar alguns surdos com formação educacional. Truffaut (1993, p. 15) nos apresenta Etienne de Fay que “besides reading and writing, knew architecture, Euclidean geometry, mechani-

<sup>5</sup> “Eles visitam e conversam com os jovens e ajudam-nos a aperfeiçoar sua língua gestual contando-lhes fábulas e histórias, fazendo ditados e escrituras por gestos” (tradução nossa).

cs, drawing, architecture, holy and profane history, especially of France” (“além de ler e escrever, sabia arquitetura, geometria euclideana, mecânica, desenho, história sagrada e profana, especialmente da França”, tradução nossa). A sua ausência de fala não era vista como um obstáculo ao seu trabalho, que pode ter sido desenvolvido através de gestos-mímica e escrita. Muito embora as informações sejam insuficientes, considera-se que Etienne de Fay era conhecido como professor de crianças surdas na Abadia (TRUFFAUT, 1993).

Presneau (1993:413-6) describes the widespread use of secret hand-codes, the importance of gesture in masked balls, and their role in one of the most popular and enduring artforms, the *Commedia dell'arte*. Indeed, Pierre Desloges, writer of the earliest known Deaf book, states that he learned sign language from a hearing Italian member of one such company. [...] As we move into the Renaissance era, [...] Gannon (1981: xxv) notes the existence of a Deaf poet, Joachin Dubellay (1522-60), including his intriguing *Hymn to Deafness*. Deusing [...] in 1656, describes a Deaf man attending public sermons with his wife and servant as interpreters. (LADD, 2003, s/p)<sup>6</sup>

Groce (1985) afirma que existe uma comunidade surda com muitos membros na ilha de Martha's Vineyard, desde seu povoamento na década de 1640. Apesar de não existir mais surdos atualmente, muitos dos ouvintes idosos da ilha têm boas memórias daqueles tempos. Groce (1985, p. 2) complementa que “they didn't think anything about them; they were just like everybody else. [...] You see, everybody here spoke sign language” (“eles não pensavam nada sobre eles, eram iguais a todo mundo. Sabe, aqui todos falavam língua de sinais”, tradução nossa).

A esse respeito, Sacks (1989, p. 35-6), comenta que a “first sight of this indeed, was unforgettable. [...] They could have been any old folks, old neighbours talkin together – until suddenly, very startlingly, they all dropped into Sign. They signed for a minute, laughed, and then dropped back into speech” (“primeira visão disto foi de fato inesquecível. [...] Eles podiam ser pessoas idosas comuns, velhos vizinhos até que subitamente, muito surpreendentemente, todos começavam a sinalizar. Gesticulavam durante um minuto, riam e depois

<sup>6</sup> “Presneau (1993) pesquisou sobre o uso geral de códigos manuais secretos, sinais manuais em bailes de máscaras e seu papel em uma forma de arte, a *Commedia dell'arte*. O primeiro autor surdo conhecido de um livro, Pierre Desloges, declara que aprendeu língua de sinais com um ouvinte, membro italiano de uma dessas companhias. [...] Durante o Renascimento, Gannon (1981) cita um poeta surdo, Joachin Dubellay, e seu hino à surdez. Deusing (1656) descreve a língua de sinais sendo utilizada durante um sermão público, no qual a esposa e o criado eram intérpretes. Fala-se também sobre surdos em outros momentos” (tradução nossa).

voltavam a mudar para a fala”, tradução nossa). O interessante é que o ‘gene surdo’ não foi trazido para a ilha pelos surdos, mas sim por ouvintes (LADD, 2003; 2013).

Isto indica uma realidade diferente do modelo clássico ocidental do discurso educacional sobre os surdos, e que é realmente possível imaginar situações e sociedades nas quais a língua de sinais é incontestavelmente valiosa. Quando tanto ouvintes como surdos são capazes de sinalizar juntos, não existe limitação. A língua de sinais não deveria ser vista como desfavorável se usada abertamente pelos que detinham prestígio social. Um ponto crucial nas construções da surdez é justamente quando os surdos afirmam que a comunicação linguística é o indicador primário do seu ser (LADD, 2003; 2013).

Durante a Revolução Francesa, as relações entre surdos e ouvintes tinham um significado particular para os surdos, que não apenas estavam envolvidos com a classe operária leiga, como também participavam em organizações políticas defensoras das pessoas da classe operária. Eles eram conhecidos por terem escrito panfletos políticos populares durante esse período e por terem lutado no exército revolucionário, sendo que a própria Revolução foi o primeiro nível político a reconhecer os surdos oficialmente como filhos da nação, inaugurando a primeira escola para surdos do mundo. No entanto é preciso ressaltar que não se deve supor que todas as pessoas leigas tinham atitudes positivas em relação aos surdos. Os discursos orientados para a fala e para o aspecto clínico da surdez continuaram durante esse período (LADD, 2003; 2013).

Sicard (1984), ao defender que as escolas de surdos são essenciais, enfatiza o fator linguístico como elemento que as humaniza. Índícios históricos esclarecem que até alguns líderes surdos adotaram um discurso pedagógico ao sentir que não tinham escolha a não ser aceitar construções como as de Sicard. No entanto, surdos possuem uma língua que pode ser considerada uma das descobertas mais afortunadas do espírito humano, que substituiu perfeitamente e com grande rapidez o órgão da fala. Os surdos percebem a necessidade da comunidade surda de regularizar a língua de sinais para permitir a existência de um discurso inteligível consistente. Para os ouvintes, o sistema educativo é identificado como o início do processo de humanização dos surdos. Mas nos discursos individuais, o fato de se reunirem como comunidade é a qualidade humanizadora mais importante.

Pode-se resumir o discurso surdo da seguinte maneira: comunidades surdas possuem línguas tão especiais que podem ser usadas para dizer coisas que a língua falada não consegue; elas podem ser adaptadas para atravessar fronteiras internacionais. As pessoas ouvintes que não conseguem usar eficazmente a língua de sinais são cidadãos ‘gesto-deficientes’. As línguas de sinais devem ser vistas como presentes para as pessoas ouvintes, pois juntas melhorariam a qualidade de vida de todos.

A sede de informação é importante fator em uma cultura com acesso negado por causa das omissões da mídia devido à ignorância, às restrições oralistas adicionais e à exclusão de informação parental e educacional. Em sala de aula, cada um buscava ajudar os outros a tentar entender o que os professores diziam e o que eles queriam dizer com isso. Não havia líderes formais. A maioria dos castigos se devia ao fato de serem pegos sinalizando, de modo que qualquer um podia tornar-se líder, desde que suportasse o castigo inerente. Isto parecia ser uma manifestação da cultura dos surdos. Resistir ao Oralismo representava um dos fatores de rebelião. Aparelhos auditivos eram o símbolo principal do Oralismo, contra os quais se revoltaram, estragando ou perdendo aparelhos auditivos e desligando-os até serem apanhados pelo professor. A aflição de ter um ruído amplificado martelando em sua cabeça durante toda a infância sugere mesmo a hipótese de que isto ajudou a desenvolver crianças surdas com mau temperamento (LADD, 2003; 2013).

O pensamento surdo puro é ‘Sei que sou diferente, que sou surdo. Aceito minha identidade e não vou me mudar’. Desse modo, a surdidade nasceu e cresceu de diversas maneiras para chegar até um eu coletivo, envolvido por pequenos atos de rebeldia e algumas pequenas vitórias. Muitos surdos acreditavam que quando crescessem se tornariam ouvintes, então o aparecimento de adultos surdos foi literalmente uma confirmação de vida para muitas crianças surdas. É provável que essas construções negativas tivessem mais força em escolas não internas. A importância de visitantes surdos era a afirmação da identidade e o acesso à informação sobre a vida era o objetivo principal. Todas as crianças que estiveram em contato com adultos surdos tiveram uma visão positiva da surdidade, o que os ajudou a resistir ao paradigma da surdez.

As famílias surdas sempre foram o meio pelo qual a surdidade podia ser trazida para as escolas e absorvida por suas próprias tradições alternativas.

Podemos concluir de tudo isto, entre outras coisas que, antes do oralismo, as escolas dos surdos transmitiam quantidades consideráveis de informação sobre suas comunidades e seus indivíduos no seu próprio estilo, histórias que sobreviveram por algum tempo, mas depois mantiveram-se fortes apenas para aqueles que tinham um sentimento enraizado de surdidade e desejavam encontrar seu lugar nessa história alternativa. De forma que seria necessária uma reintegração da história dos surdos como a principal essência da experiência surda (LADD, 2003; 2013).

### **Considerações finais**

Quando examinamos o indivíduo típico de uma cultura majoritária, é possível desenvolver uma perspectiva de duas maneiras. Uma é o modo como o indivíduo absorve como a sociedade majoritária constrói e dissemina as versões da história coletiva. E outra, o domínio dentro da própria família, onde gerações anteriores rerepresentam suas versões da história da própria família com exemplos que nos conduzem a uma história maior, concebendo o eu histórico dentro da identidade individual. Para a maioria das culturas minoritárias, manter um eu histórico forte é importante para ser capaz de resistir ao paradigma da cultura majoritária sobre o que eles devem ser (LADD, 2003; 2013).

Nas culturas minoritárias surdas, a experiência dos indivíduos apresenta menos diversidade e mais semelhança coletiva, o que fortalece o laço global entre os surdos. Isso foi enrijecido pelo medo, medo de que, se levantassem as mãos para sinalizar em frente aos professores, fossem esbofeteados. 'O medo' nunca deixou realmente as pessoas surdas, sempre foi alimentado por elas sabermos fazer parte de uma pequena comunidade ultrapassada e reforçada pela falta de acesso à informação (LADD, 2003; 2013).

A muitos surdos falta a confiança em si mesmos. O oralismo foi o responsável por isto, pois concentrava-se naquilo que eles não podiam fazer bem e ignorava todas as suas outras competências. Com a perda de confiança veio uma ideia de fatalismo, sentimento de que nunca estarão seguros. Por isso a história, a cultura, a surdidade deve ser mantida, para auxiliar as crianças surdas a reforçarem suas identidades. Uma característica comum entre os surdos é a prontidão em criticar e a relutância em elogiar. Isso foi feito com eles por décadas. São como uma pérola enterrada na casca, todos com suas competências,

mas estimulados a se refugiarem em suas ‘cascas’. Conflito interior é o termo mais aplicável (LADD, 2003; 2013).

Mesmo nas associações de surdos, atingiu-se um estágio diferente de colonialismo com suas próprias implicações para a cultura surda. A estrutura administrativa dos dois níveis daí resultante englobava um conselho da administração formado por pessoas ouvintes e uma comissão social da associação de surdos, formado principalmente por surdos. Mantido primariamente por missionários, por volta de 1980, a maioria desses desapareceram de cena, mas a estrutura propriamente dita mantém-se até hoje em quase todas as associações de surdos. Geralmente o missionário era filho de pais surdos, e dessa maneira encontrava-se ligado ainda mais intimamente à vida cultural dos surdos. Também é significativo que a associação e a comunidade dos surdos se sentissem obrigadas a se manter unificadas e, daí elaborassem estratégias de coexistência (LADD, 2003; 2013).

Na maioria das sociedades, costuma-se dizer a respeito dos surdos que são ‘coitadinhos’ pois não sabem ‘como é belo o canto dos pássaros’. A incapacidade de falar a língua da maioria é mais marcante do que o não ser capaz de ouvir. Outra característica é o poste de iluminação, uma fonte de luz à noite para os surdos, símbolo importante da cultura surda. Isto também tornava os surdos e a sua língua de sinais publicamente mais visíveis. Visto que a maioria dos encontros ocorria depois do trabalho, o desejo de sinalizar em público era simbolizada por tais postes. Porém, estando cercados por atitudes e decisões com as quais não concordavam, os surdos da classe operária continuaram sua resistência, tanto quanto podiam, em pequenas coisas (LADD, 2003; 2013).

A ideia de que os surdos poderiam perceber os ouvintes como deficientes porque não podiam usar a língua de sinais parece extraordinária. Esta crença enraizada da surdidade, da importância da língua de sinais para todo o mundo, é aqui mantida. É importante salientar que os meios de comunicação usados pela classe operária durante tais interações eram principalmente papel e caneta, com uma vocalização limitada (LADD, 2003; 2013).

Por isso a história, a cultura, a surdidade devem ser mantidas, para auxiliar as crianças surdas a reforçarem suas identidades. Uma característica comum entre os surdos é a prontidão em criticar e a relutância em elogiar. Isso foi feito com eles por décadas. São como pérolas enterradas nas cascas, todos com suas

competências, mas estimulados a se refugiarem em suas ‘casas’. Conflito interior é o termo mais aplicável. E isso fica como uma marca negativa no que diz respeito à cultura surda: nem todos os surdos conseguem sair desse envoltório imposto por uma cultura majoritária (LADD, 2003; 2013).

Pode-se concluir com a importância de compreender a vida dos surdos em uma trajetória histórica apresentada por Paddy Ladd (2003; 2013) e a visão dos demais autores sobre fatos marcantes de diferentes sociedades surdas. O orgulho em relação à sua língua é apenas um aspecto de um contexto maior, o de ter orgulho de ser surdo. A comunidade surda se define em grande parte pelo uso da língua de sinais, e a diferença linguística aliada ao orgulho pela sua condição podem ser considerados posturas políticas. Há o início de um balançar do mundo do ouvinte, que, confuso, sem compreender esse posicionamento político, começa a ter menos controle sobre um grupo minoritário.

Essa mudança de um ‘aprisionamento’ social à autonomia sociocultural permite que haja uma abertura de espaços sociais em relação à aceitação do outro em sua condição fisiobiológica, linguística e cultural, que aos poucos vai sendo disseminada no meio ouvinte. O objetivo final, portanto, não é o de criar um gueto de surdos, mas sim de redefinir o que significa ser surdo na visão dos ouvintes, para que todos, surdos e ouvintes, possam ter orgulho de viver em uma sociedade em que possam ser o que são e aprender mutuamente.

## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Civilização, 1985.
- GROCE, N. *Everyone Here Spoke Sign Language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985.
- LADD, P. *Em busca da surdidade 1: Colonização dos surdos*. Tradução: Mariana Martini. Lisboa: Editora Surd’Universo, 2013.

LADD, P. *Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

LANE, H. *The Mask of Benevolence*. New York: Random House, 1993a.

LANE, H. The medicalization of cultural Deafness in historical perspective. In FISCHER, R.; LANE, H. *Looking Back*. Hamburg: Signum, 1993b.

LANE, H. *When the Mind Hears: A History of the Deaf*. New York: Random House, 1984.

SICARD, R. A. Course of instruction for a congenitally Deaf person. In PHILIP, F.; LANE, H. (Orgs.) *The Deaf Experience*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.

MERRY, S. Law and colonialism. *Law and Society Review* 25, 1991, p. 889-922.

MILES, M. *Signing in the Seraglio: mutes, dwarfs and jestures at the Ottoman Court 1500 – 1700*. 2000. Disponível em <<https://www.independentliving.org/docs5/mmiles 2.html>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SACKS, O. *Seeing Voices*. Berkeley, CA: University of California Press, 1989.

SPIVAK, G. *The Post-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues*. New York: Routledge, 1990.

TRUFFAUT, B. Etienne de Fay and the history of the Deaf. In FISCHER, R.; LANE, H. *Looking Back*. Hamburg Signum, 1993.